



A AURORA



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Formosa 242-2.º—PORTO

REDACTOR PRINCIPAL—Antonio Alves Pereira

Condições d'Assinatura (Pagamento adiantado)

Um mez	505 (50 reis)
Semestre	330 (300 reis)
Um ano	600 (600 reis)

Para fora do país acresce o importe do selo.

Numero avulso 501 (10 reis)

Comp. e Imp. na Tipografia Peninsular
Rua dos Mercadores, 171—PORTO

Propriedade do Grupo (Aurora Social)

EDITOR—Mactel Barbosa

A GUERRA E' SEMPRE UM MAL

Para conveniência da sua tese, os fantasiadores da «guerra de libertação», os cantores da «defesa da democracia» (que a esta dão a forma tangível dum Estado democrático), os partidários da participação dos revolucionários sociais em favor dum bloco de Potências, exageram as diferenças entre as consequências duma derrota e as duma vitória dos Aliados, vendo da primeira só o lado mau e da última só o lado bom (como se fosse realmente vitória da democracia popular, do próprio povo, e não dum militarismo, dum Estado, dum grupo de Estados) ao passo que da derrota germânica só des-cortinam as vantagens revolucionárias.

E para isso valem-se por vezes do exemplo da guerra franco-prussiana de 1870. Essa guerra produziu um grande recuo nas ideias revolucionárias e internacionalistas, na organização internacional do proletariado. Mas existe porventura a contraprova? Teriam sido diversos e muito mais favoráveis os efeitos, se o triunfo tivesse cabido ao império de Napoleão III, herdeiro das tradições imperialistas do conquistador corso, ou mesmo á República de Thiers, Gambetta e Mac Mahon? Não teria invadido a França e a Europa a mesma onda militarista e reaccionária, de paz armada e de conquistas coloniais? Não serve até certo ponto de contraprova o exemplo da Alemanha, onde, com a vitória, triunfaram as ideias de centralização e o militarismo, e o capitalismo assumiu rapidamente a forma de imperialismo agressivo?

A derrota traz a exacerbação dos sentimentos e preconceitos nacionalistas do povo, faz concentrar as vontades no desejo e preparação da desforra; mas a vitória, seja embora a dum Estado democrático, não é a vitória do povo de aspirações livres, não é elle que dela dispõe como numa revolução: é a vitória do Estado e das classes dirigentes, é a vitória da reacção militar, muitas vezes reforçada por uma reacção clerical, e um renascimento da ideia religiosa.

E se vós admitis que contra esse possível aumento de reacção se organizará a resistência — como nós esperamos e para o que desde já trabalhamos — porque não admitir que ela se possa organizar em qualquer eventualidade, contra o poder desacreditado pela derrota ou contra um Estado fortalecido por uma vitória... de Pirrot?

Todas as hipóteses são permitidas, e não falta quem, para cada um dos grupos beligerantes, deseje a derrota em vez da vitória, no interesse da revolução. E todos se escudam mais ou menos em acontecimentos históricos, os quais, conforme são encarados dão razão a esta ou áquella opinião... Quantas conclusões se não têm tirado do facto de ter sido fruto da derrota a Comuna de Paris?

E não se lhe atribui, apesar de vencida, a salvação da república? A anexação dum território pode fazer com que nele triunfe sobre todas as outras a preocupação nacional; mas a população anexada pode, sob o novo governo, impôr o seu carácter próprio e as suas próprias liberdades — no que amiúde diferem entre si as diversas regiões sujeitas ao mesmo Estado — e pode mesmo ser o cancro plantado no seio do Estado anexador. Assim disseram muitos alemães da própria Alsácia-Lorena, semi-teutónica, como pensava especialmente dos alsacianos a ironia francesa... antes de 1870. E, ape-

sar da anexação desenvolveu-se ali normalmente o socialismo, não se podendo provar que, dado o carácter do povo, fôsse maior esse desenvolvimento, se a região se houvesse mantido sob o domínio do Estado francês.

Em qualquer hipótese, a guerra representa sempre um grande perigo para a liberdade e tende a provocar directamente um recrudescimento de reacção militar e capitalista. Aos revolucionários sociais cumpre prepararem sempre a resistência aos seus efeitos — quer para aproveitar o desprestígio e franqueza dum governo vencido, quer para contrariar a onda reaccionária triunfante ou tirar vantagem de um possível descontentamento popular.

Essa luta, repetimo-lo mais uma vez, não é contra o Estado e imperialismo «estrangeiros» apenas assim, seria — ou pareceria, o que muitas vezes vale o mesmo que os efeitos, — puro nacionalismo, fomentador de ódios e malentendidos entre os povos. Essa luta é contra todos os Estados e principalmente contra os do nosso lado — que nós podemos atingir mais eficazmente, assim como os outros só pelos revolucionários lá de dentro podem ser mortalmente feridos.

Longe de aceitar colaboração ou compromissos com o «seu» governo e classes dirigentes, é sobretudo contra esse inimigo próximo que os revolucionários devem praticar uma scisão de responsabilidades e uma separação, de facto, que são desde já a melhor preparação para um combate que não vem distante.

Notas Rubras

Uma vitima da guerra

Chegou ha pouco de Angola — conforme os jornais largamente noticiaram — um desgraçado clarim de dragões que no celebrado combate de Naulila perdeu um braço e ficou quase cego.

A imprensa patrioteira incensou entusiasticamente os feitos desse «herói».

No entanto, a despeito dos «grandes serviços» prestados á pátria lusa por esse infeliz estropiado, não me consta que até agora, se pensasse em assegurar-lhe o seu futuro.

O auxilio prestado ao desditoso clarim em questão tem-se limitado a subscrições particulares.

E' profundamente vergonhoso e triste que esse militar se encontre no estado de precisar das *emollos* que lhe tem dado, quando ele se inutilizou para o trabalho na defesa duma causa que pouco ou nada o interessava.

Como eu lamento a sorte desse infortunado!

Talvez, que, neste momento, se conforme um tanto com o seu mal, embriagado pelos aplausos daqueles guerristas assanhados que aplaudem entusiasticamente os actos de audácia e sacrificio... dos outros.

Breve, porem, lhe ha-de vir a desilusão, o conhecimento verdadeiro das coisas. Então, ha-de amaldiçoar do fundo do alma os causadores da sua desgraça: os fomentadores dos ódios de raças.

Nessa ocasião, quando se vir na dura necessidade, na horrivel precisão de implorar da *caridade publica* uns míseros cobres para não morrer de fome, compreenderá a realidade da sua trágica situação.

Doi-me o coração ao pensar na sorte desse desventurado!

Quantas ilusões desfeitas, quantos esforços perdidos!

Quem sabe se ao partir deixou na sua terra um peito de mulher fremendo de ansiedade pelo seu regresso, a sonhar num futuro dourado, cheio de ventura? E quem sabe, também, o golpe lancinante que esse ente recebeu ao encerrar mutilado esse corpo que ela se acostumara a ver perfeito e robusto...

Este episódio simples — um caso banal nos acontecimentos guerreiros — demonstra conclusivamente os frutos que os filhos do povo colhem dessa fratricida luta que tem o nome de guerra — e a recompensa que as «pátrias» dão aquelles que por ellas se sacrificam...

C. RODRIGUES.

A infame especulação

Coisa inerente ao regime capitalista, condição essencial da sua vida, a carestia, natural ou provocada, é sempre o principal meio de enriquecimento particular, á custa da miséria geral. Esta monstruosidade capitalista torna-se mais saliente nas grandes calamidades, quando a fome e a desgraça colectivas são grandes fontes de especulação nesta sociedade baseada sobre a propriedade individual dos meios de produção e das reservas de produtos. Veja-se o que depõe o insuspeito diário conservador de Lisboa, *Diário de Notícias* de 27 de Março:

«Dissemos ontem estar caríssimo o açúcar em Lisboa, mas não é porque haja falta do referido género, tanto despachado como por despachar, etc.

Ora hoje diremos que o que se está dando com o açúcar se dá com outros géneros.

De peixe tem havido abundância, e a prova está que nas últimas três semanas os empregados sanitarios inutilisaram para o consumo 20 mil kilogramas (20 toneladas) e como ele tenha estado e está carissimo, o *Diário de Notícias* publicou o quanto elle pagou de imposto até ao dia 15 do corrente mês, para se ver não existir escassez, e hoje pôde dizer aos leitores que até 24 rendeu a quantia de 5.199\$10, e note-se que só o cobrado no posto do mercado 24 de Julho, não estando incluído o despachado no posto de Belem. Esta quantia representa um valor de 103.93\$00 no acto da lota; depois quanto não produziu?

Em outros tempos o pobre e rico compravam uma dúzia de sardinhas por 503 e 503 e a trinta e a 507, 508 e já tem chegado o 510.

Do carapan não falamos, pois só quem tenha muito dinheiro é que lhe pôde chegar.

Como deixamos dito, foram 20 mil kilogramas que se inutilisaram por ter estado encapotado, pois se tivesse vindo para o mercado a tempo e horas; decerto que se teria vendido, e se dizemos ter estado em caixotes é por isso nos constar.

O peixe que foi para o guiso se tivesse sido vendido a 216 o kilo teria produzido 3.200\$00, média por semana 1.066\$66, por dia 154\$38. Não poderiam estas quantias reverter em beneficio do consumidor? Parece-nos que sim.

Agora vamos á cebola. Esteve ella a 501,5 e 502 o kilo, pois se disse existir grande abundancia, a ponto de se pedir á sua exportação, e agora não a há. Porque será?

O carneiro que, segundo se diz, tambem o ha em abundancia e melhor que no ano passado, por ter melhores pastos, pois tambem levantou de preço.

Batatas, hortaliças, etc., etc., da mesma forma.

Estes géneros, a não ser o açúcar, não veem do estrangeiro e, portanto, não se pôde alegar o Agio, fretes e direitos.»

Reunião em Gaia

O grupo *Os Deserdados* convivia todos os anarchistas desta vila, agrupados ou não, a comparecerem numa reunião que se effectua hoje, pelas 10 horas, ao pé d'os bombeiros voluntários de Coimbrões, para se discutir um assunto de magna importancia para a propaganda.

Os falsos representantes

«Effectivamente, a vida, nestes últimos mazes, agravou-se assustadoramente. A causa deste agravamento terrivel, que complica a situação do rico e do pobre, que nos faz prevêr tristes preséjios para o futuro, já vós a sabeis. Vós tendes razão nas vossas queixas; mas nós tambem a temos. O que se torna necessario é harmonisar-mo-nos, conforme pudérmos; é, nesta ocasião histórica, dispendermos a maior soma de sacrificios possíveis. Esta teoria, dada pelos representantes do povo como resposta ás instantes reclamações populares, pôde parecer a muitos, á primeira vista, um pouco plausivel. Certamente que á conflagração veio agravar a vida. O bloqueio alemão pelos submarinos, o bloqueio inglés pela sua tremenda esquadra, com a colaboração das unidades navais francesas; a invasão da Polónia; a queda imminente de Constantinopla; a rendição desastrosa de Przemysl, o cerco de Cracóvia, e os zeppelins por sobre Paris vieram trazer o desassossêgo, a ruína, a devastação e a morte a muitas nacionalidades; vieram influir perniciosamente na economia oscilante dos povos. O verso da medalha está conforme. Por este lado, parece que deviam todos concorrer com o nosso sacrificiosinho, a ponto de nos deixarmos morrer de fome, para facilitar o governo e comerciantes, industriaes e banqueiros, negociantes por grosso e retalhistas, a levarem a cruz ao Calvário das suas ambições desmedidas. Mas o reverso da medalha eloquente, acusador temível, lá está a dizer-nos o contrario, a provar-nos que toda essa gente armada que se esfaca nos campos da batalha foi obra de meia dúzia de individuos que, abusando das suas atribuições de confiança e incitados pelo egoísmo alheio e próprio, declararam o estado de sítio na Europa, mandaram incendiar as cidades, massacrar os povos indefesos, devastar os campos e as colheitas, destruir por completo o esforço das gerações passadas.

A essa meia dúzia de individuos, desde os deputados ao governo, chama-se, democraticamente, representantes do povo. Estes representantes, em nome do povo, acenderam as caldeiras dos couraçados; estes representantes, em nome do povo, prepararam os exércitos, esgotaram os orçamentos, levaram a pele do trabalhador urbano e rural; em nome do povo, declararam a guerra, transpuzeram as fronteiras e occuparam os campos para em vez de os semearem em abundância, os atulharem de cadáveres; em nome do povo, firmaram-se alianças secretamente e de braço dado, conquistaram, pela metralha, as cidades; em nome do povo, se decretou, já não digo o serviço militar obrigatório, mas a fome por obrigação, por sacrificio, por patriotismo, por honra... deles.

E todavia, esse povo nada sabe. Pergunta-se-lhe se conhece a letra dos tratados e encolhe os ombros; pergunta-se-lhe se deu o seu consentimento para se assinarem esses tratados e diz que não, enhor, que nem sabe o que isso representa; pergunta-se-lhe se antes da declaração de guerra o consultaram, para conhecer o seu estado de espirito e vêr se estava disposto a suportar todas as contrariedades da gigantesca luta, e responde-nos que se deitara tranquilamente e acordara sobressaltado pelas detenções formidáveis dos canhões, sem saber por quê.

Nestas condições, o que querem? O povo não tem que se sacrificar mais. Basta-lhe já o re-

morso de ter deixado ir os seus servir de pasto nos campos da batalha; basta-lhe já o sacrificio de ter de revolver a terra, tocando nos cadáveres dos seus parentes, para proceder a uma nova sementeira; basta-lhe já o sacrificio das searas incendiadas, das suas casas derruidas, dos seus haveres destruidos, da perda de entes queridos, da fome de tantos anos de oppressão de tantos séculos. Agora todos os sacrificios devem ser tendentes para a revolução. Impõe-se a necessidade do ajuste de contas. Enquanto se assalta Cracóvia, o povo russo deve insurreccionar-se e formular os seus quesitos; enquanto se preparam para invadir as linhas de Varsóvia, Berlim deve levantar-se e cercar o palacio imperial; enquanto se preparam afanosamente para darem entrada soléne em Constantinopla, Londres, o Londres proletário, tem o dever de proclamar a sua liberdade integral e prender os seus falsos representantes; enquanto se pensa em forçar a fronteira alemã, a Paris assiste-lhe o direito de proclamar a Comuna livre e dar caça aos criminosos graduados; enquanto se pensa em Africa, em atacar os alemães, a Lisboa compete-lhe secundar o movimento revolucionário na Europa.

Seria a revolução social? Seria a guerra contra a guerra? Isso mesmo. Presos os representantes do povo, generalizada a revolução popular em todos os paizes da Europa, revolução sacrosanta, libertadora, animada pelos ideais emancipadores de uma sociedade baseada na livre federação dos grupos produtores, das localidades, das regiões, das nacionalidades, das raças, os exércitos em luta deixariam Constantinopla, Cracóvia, Przemysl, Carpathos e correriam ás suas terras a juntar-se aos revolucionários. Os que se arvoraram em *Adignos* representantes do povo, pelas mentirozas architectadas em gabinetes, pelas promessas falsas espalhadas aos quatro ventos, pelo ludibriar enganoso da boa-fé, a ignorância popular, pagariam com a vida todos os crimes. Era já ser benevolente para quem só soube ser criminoso da pior espécie. Exterminado o mal pela raiz, com uma boa dose de desinfectante por cima, a paz seria então dura-doira, perénne. Não eram os representantes que negociavam o termo da guerra, da mesma maneira que a fomentaram em conciliábulos secretos. As chancelarias desapareciam, e a massa anónima, com a sua intervenção altamente moralisadora, é que ditaria a paz dos povos, a sua harmonia, a sua solidariedade, depois da derrota do capitalismo com a sua descentralização de poderes comerciais e industriais.

Uma vez abolidos os estados, sinónimo de uma sociedade de malfeitores sempre opprimido o produtor, deixaria de existir todo o perigo de novas complicações internacionais; já mais se pensaria em alargar territórios, em aumentar o exército e a marinha, em sustentar supremacias ruinosas e em sonhar poderes coloniais. Não haveria interesses mercantilistas a salvaguardar. Como eterna recordação do génio do mal, só ficaria na memória das gerações presentes e vindouras a simples frase: guerra, que podia servir de tema ás conversas íntimas nas horas de ócio.

Mas isto só se consegue depois de se expulsar os falsos representantes do povo: então terminará todo o mal-estar, fiadarão os sacrificios que agora reclamam e que não têm razão de ser.

Clemente Vieira dos Santos